

'Risco Brasil' cresce e capital externo deixa de entrar

Os negócios que dependem de investimentos externos são os mais atingidos. Até porque, como diz o presidente da Associação Fluminense das Pequenas e Médias Empresas (Flupeme), Benito Paret, "se o investidor estrangeiro pode colocar seu dinheiro em qualquer parte, por que haveria de colocar em um país com uma crise destas?" O resultado é a queda da entrada de recursos estrangeiros, tanto nas Bolsas de Valores como em investimentos diretos.

Quanto às decisões internas, está tudo paralisado, revela o diretor de uma empresa de consultoria:

— As decisões para execução de qualquer projeto estão sendo

adiadas para depois do resultado da CPI, desde os que se referem a aberturas de novas fábricas até os relativos a expansões.

Para um outro diretor de consultoria, mesmo que a CPI do PC acabasse amanhã — e isentasse o presidente Collor de qualquer culpa — seriam necessários pelo menos mais uns três meses para que o processo de recuperação que vinha sendo observado até junho fosse retomado.

E o comportamento dos preços começa a ser afetado pela crise política. O diretor da Acal Consultoria Cícero Alencar informa que muitos fornecedores estão fazendo reajustes preventivos, por medo de choques. Um exemplo é o de fornecedores de fio de

malha, que reajustaram seus preços em 80%. Outro setor que adotou um reajuste abusivo, segundo Cícero Alencar, foi o de papel para gráfica: 60%.

No setor de alimentos, ainda não houve remarcações derivadas da crise. Segundo um empresário da área de supermercados, a média de aumento dos produtos industrializados, 18%, está abaixo da inflação, e o que tem subido muito são produtos agropecuários (a carne subiu 57% no último mês), mas a causa é a entressafra e a adequação ao preço mínimo. São poucos os investimentos no setor, mas isso não é de agora: a maioria das empresas há mais de um ano está paralisada pela recessão.